



**III CONGRESSO IBERO-AMERICANO  
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA  
BELÉM – PARÁ – BRASIL  
04 a 07 de novembro de 2015  
ISSN 978-85-89097-68-0**

**VIDAS, SUJEITOS, ENCONTROS E HISTÓRIAS: singularidades da  
formação e atuação de professores no Rio Grande do Norte**

**Marcelo Bezerra de Moraes<sup>53</sup>**

**RESUMO**

Quais as potencialidades de uma narrativa, o que ela nos permite contar e como contar é o que perseguimos com este artigo. Pretendemos apresentar, por meio de um exercício que almeja atrelar três modelos de análise – de singularidades, convergências e narrativa de narrativas –, uma versão histórica sobre a formação e atuação de professores de Matemática no interior do Rio Grande do Norte. Esse trabalho surge de nossas pesquisas, que se iniciam no mestrado e são ampliadas no doutorado, cuja intenção é realizar um estudo historiográfico sobre a formação e atuação de professores de Matemática no Rio Grande do Norte, utilizando como metodologia de pesquisa a História Oral. Essas pesquisas estão inseridas em um projeto do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM), que almeja constituir compreensões em um mapeamento historiográfico, no Brasil, sobre a formação e atuação de professores de matemática. Aqui, especificamente, mobilizamos a narrativa produzida com o professor Raimundo de Freitas Melo, bem como alguns documentos acessados em arquivos públicos e do próprio professor, e outros trabalhos que nos ajudaram a elaborar compreensões sobre o tema. Neste texto, construímos nossa análise narrativa, a partir dessas outras narrativas, apresentando algumas das possibilidades de formação existentes no interior do Rio Grande do Norte entre as décadas de 1950 e 1980, usando como plano principal, norteador e delimitador da narrativa, a singular história do professor Raimundo.

**Palavras-chave:** Narrativas. Singularidades. Formação de Professores de Matemática. História Oral. Rio Grande do Norte.

<sup>53</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Rio Claro. Membro do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM). O projeto de doutorado em desenvolvimento recebe apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2014/05379-0) e recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: morais.mbm@gmail.com.

## UM ENCONTRO, UMA PRIMEIRA HISTÓRIA: como nasce uma narrativa?

O professor Raimundo de Freitas Melo<sup>54</sup> é natural do Rio Grande do Norte, assim como o autor dessa pesquisa; ele de Portalegre, o pesquisador de Mossoró; o primeiro formado em Ciências Econômicas, o segundo, em Licenciatura em Matemática. Como essas histórias se encontraram?

No ano de 2011, o autor dessa pesquisa inicia seu mestrado que visava compreender e criar uma versão histórica de como se deu a formação de professores de Matemática, dos níveis correspondentes aos atuais ensinos fundamental e médio, na região de Mossoró, no período anterior ao ano de 1974 – data que marcou a criação do mais antigo curso de formação de professores de Matemática, em nível superior, na região; o curso da Universidade do Estado do Rio Grande do norte.

Assim, nessa empreitada, pretendia-se responder algumas questões: até a criação desse curso, a região não contava com oferta regular alguma de curso superior de formação de professores de Matemática? Havia professores de Matemática na região? Qual o perfil dos professores de Matemática que ali lecionavam? Como se dava a formação deles, antes desse período?

Agindo metodologicamente segundo os pressupostos da História Oral<sup>55</sup>, o pesquisador pretendia produzir narrativas, a partir de entrevistas, com sujeitos, atores, personagens que vivenciaram o contexto que pretendia estudar<sup>56</sup>; pretendia compreender as histórias oficiais, mas, para além dessas, os guetos desses acontecimentos, aqueles que fogem aos documentos oficiais, os movimentos, sempre fluxos contínuos<sup>57</sup>; pretendia,

---

<sup>54</sup> A narrativa completa do professor Raimundo de Freitas Melo, bem como maiores detalhes sobre a pesquisa de mestrado que baseou a produção dessa narrativa podem ser encontradas em Morais (2012); informações sobre a pesquisa de doutorado que norteia nossa análise podem ser acessadas em Morais (2015).

<sup>55</sup> Entendemos metodologia como um “conjunto de procedimentos que não teriam sentido sem uma fundamentação” (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011, p. 232). Certamente trata-se de um conjunto de procedimentos que consideramos legítimos para produzir pesquisas com História Oral no campo de conhecimentos da Educação Matemática (mas não apenas, ou exclusivamente), “mas, além disso, trata-se de saber quais as potencialidades e os limites dessas ações, quais seus fundamentos, qual o terreno em que tais ações se assentam” (Ibidem, p. 233).

<sup>56</sup> Entendemos que a utilização dessa metodologia, por nos permitir entrar em contato com indivíduos ligados por acontecimentos em comum, que os tendo vivido e experienciado, fornece diferentes perspectivas para o entendimento do passado, possibilitando o conhecimento de versões, por vezes distintas ou desconhecidas, sobre o tema que pretendemos estudar. (BARALDI, 2003).

<sup>57</sup> Dentro da concepção de historiografia que trabalhamos, utilizamos não apenas os documentos, ditos oficiais, para compormos tramas históricas; também lançamos mão de outras fontes para realizar pesquisas de cunho histórico: orais, iconográficas, arquitetônicas, e qualquer outra fonte

enfim, inventar histórias a partir dessas outras invenções<sup>58</sup>. Havia optado por, nessas entrevistas, usar o recurso das fichas e não de um roteiro propriamente dito. Assim, elencou um total de vinte e sete temas<sup>59</sup> e partiu em busca desses sujeitos.

Como primeira medida, procurou conhecidos (ex-professores, vizinhos, familiares) que pudessem indicar algum sujeito que tivesse começado a ensinar matemática na região, no período de interesse; buscou instituições de ensino públicas e privadas, que sabia antigas, para verificar a existência e possibilidade de acesso a arquivos; e procurou órgãos oficiais para verificar a existência de informações que pudessem auxiliar.

Chegou ao professor Raimundo Melo por meio da indicação de uma ex professora e de um documento encontrado nos arquivos da Escola Técnica de Comércio União Caixeiral – instituição fundada em 1935 e que deixou de funcionar em 2002, mas que

---

que possa ser usada para produzir, ou produza por si, narrativas (GARNICA, 2010; GAERTNER e BARALDI, 2008). Corroboramos a concepção de que “A História, em nosso tempo, não pode ser discurso de construção, mas de desconstrução, discurso voltado para compreender o fragmentário que somos, as diferenças que nos constituem, o dessemelhamento que nos habita”; além disso, “deve ser um discurso de contestação a memória dos poderosos, deve injetar rebeldia nas palavras, deve desconstruir seus monumentos a marteladas” (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 87 e 88).

<sup>58</sup> Trabalhando em uma perspectiva de História que assume a natureza subjetiva e inventiva dos sujeitos que elaboram narrativas, sejam eles pesquisadores – que narram histórias a partir de operações historiográficas –, ou os colaboradores que nos narram suas histórias de vida. Assim, sabemos, assumimos e defendemos: (a) a natureza inventiva das memórias de nossos colaboradores, que reinventam suas histórias, seus passados, suas memórias, a partir de um presente – que é um contexto outro, novo e plural –, com novas intenções e para determinados sujeitos, neste caso, em específico, um sujeito pesquisador, e (b) a natureza inventiva e subjetiva do pesquisador, aquela necessária à elaboração narrativa, à ligação dos acontecimentos, à interpretação de documentos, ao entendimento e compartilhamento das informações; que estão e estarão sempre presentes, mesmo que balizadas por determinadas técnicas, teorias e metodologias refinadas e adequadas à produção deste tipo de narrativas – sendo, inclusive a escolha dessas, que nos levam a diferentes modos de criar; que, portanto, permitem aos pesquisadores narrarem diferentes histórias, mesmo que tratem dos mesmos acontecimentos, pois, cada um, é atravessado, mobilizado e constituído por intenções e saberes de naturezas particulares. São essas naturezas inventivas que nos permitem narrar histórias sempre únicas, embora múltiplas. (ALBUQUERQUE JR, 2009; 2011; HALBWACHS, 2006; BRUNER, 1991; WHITE, 1994)

<sup>59</sup> A intenção de utilizar as fichas era a de não prender o colaborador a perguntas fechadas, ou de tentar direcionar, o mínimo possível, a entrevista – embora o fato de elencarmos temas direcione de qualquer forma. Assim, as fichas possuem temas gerais e específicos apresentados ao colaborador, para que ele fale sobre o tema, direcionando-o como queira. A saber, os temas que elencamos foram: *Apresentação pessoal; Família; Infância; Juventude; Cotidiano da cidade em que cresceu; Cidade e educação; Costumes; Política; Escola e rotina escolar; Disciplinas marcantes; Professores marcantes e suas aulas; Sistemas de ensino; Dificuldades nos estudos; Dificuldades em realizar os estudos; Mudanças na educação durante os estudos; Primeiros contatos com o ensino; Ingresso no magistério; Formação; Escolas e cotidiano durante o exercício do magistério; Dificuldades no exercício do magistério; Mudanças durante o Magistério; Mudanças na formação de professores de Matemática; Mossoró no início do magistério; Magistério em Mossoró; Mossoró no contexto atual; Ensino de Matemática hoje; Considerações*. A opção pelo uso dos temas foi fundamentada nas pesquisas de Rokolski (2006) e Vianna (2000).

mantém um pequeno acervo guardado no prédio em que funcionava e que é, hoje, uma Biblioteca Municipal.

Após esse encontro e muitos outros – esse foi apenas um dos inúmeros que o pesquisador teve com sujeitos que participaram do processo que estudava, à época; além de outros que o auxiliaram a compreender esse objeto de estudo –, elaborou uma nova proposta de pesquisa, agora para o doutorado. Nessa, ampliando as cercanias do estudo anterior, pretende elaborar compreensões e versões históricas sobre o mesmo fenômeno – a formação e atuação dos professores que ensinavam matemática –, contudo, dessa vez, em todo o estado do Rio Grande do Norte, antes e durante o período de criação dos quatro mais antigos cursos superiores que habilitavam professores em Matemática nesse estado – criados entre 1966 e 1980.

Uma das decisões tomadas para esta nova empreitada foi a de utilizar novamente as narrativas produzidas para o mestrado, lançando, a essas, as novas perguntas: qual formação possuíam os professores que lecionavam nas mais diversas regiões do estado do Rio Grande do Norte, antes da existência de uma rede de cursos formadores como se vê hoje? Como funcionaram os primeiros cursos de formação nesse estado? Quais outros cursos existiram no estado e em seu entorno para formar professores? Como se deu o processo de instalação dos primeiros cursos de formação superior para professores de matemática no RN? Após a instalação desses cursos, como, aos poucos, vão tentando suprir a necessidade de professores nas diversas regiões? Como se deu a migração/mobilidade docente no RN? Essa migração influencia a formação do professor de Matemática? De que modo? Quanto aos pedagogos, como se deu a participação desses nesse processo de formação e criação de cursos? Qual o papel, ou papéis, exercido(s) por eles na formação do professor de matemática no RN?

Essa nova abordagem visa compreender quais interpretações são possíveis elaborar a partir dessas mesmas narrativas, para além do que foi narrado, a partir do momento em que se lança um novo olhar, com outras interrogações, buscando novas compreensões. Além de lançar novas perguntas, o pesquisador pretende realizar um exercício de análise que busca, além de compreender a formação subjetiva dos colaboradores, a partir da realidade por eles inventada e apresentada, também lançar um olhar macro para os mesmos

contextos, para determinados modelos formativos e para histórias que convergem a dados acontecimentos, e apresentá-los de forma narrativa<sup>60</sup>.

Assim, após esses tantos outros encontros, o pesquisador retorna àquele primeiro com o professor Raimundo. Tendo-o feito com novas intenções, desse (re)encontro surgem novas compreensões, resultando em outra história sobre a formação de professores matemática no Rio Grande do Norte, que, embora trate de alguns modelos de formação acadêmicos, fala para além disso: uma formação nunca é estática, simplória, regular e somente institucional.

### **OUTRA HISTÓRIA, OUTROS ENCONTROS: formação do professor Raimundo, formação no Rio Grande do Norte**

O Professor Raimundo Melo nasceu no ano de 1941, na cidade de Portalegre, interior do Rio Grande do Norte (RN), mas não foi lá que cresceu. Seus pais, agricultores, tinham uma pequena fazenda na cidade de Itaú, também interior do RN. Ele, um dos onze filhos do casal, teve educação familiar forte, como forte eram também os valores relativos à família, comuns a uma época em que o respeito pelos mais velhos era inquestionável.

---

<sup>60</sup> Desse modo, temos a intenção de realizar um exercício de análise que aponta para a união de três modelos de análise que o GHOEM vem estudando e exercitando: um primeiro modelo seria o modelo que chamamos de análise por convergências, em que elencamos, a partir dos documentos analisados, os temas, acontecimentos evidentes, convergente e/ou divergentes, mas que tratam do mesmo aspecto ou evento (BARALDI, 2003; TOILLIER, 2013); um segundo modelo é o que o grupo estuda e vem chamando de “análise de singularidades”, em que se pretende lançar mão das narrativas produzidas a partir das entrevistas de forma isolada, e perceber como aquele sujeito se constituiu e se constitui, em seu processo de formação único, a partir da narrativa em que se inventa – esse seria, portanto, um processo de sensibilização frente aquelas narrativas, analisadas isoladamente, para compreender como esse sujeito se tornou quem é (MARTINS-SALANDIM, 2012); e o terceiro modelo seria a análise narrativa de narrativas, em que se elabora uma narrativa, a partir das outras, e diferente dessas, em que fica patente a subjetividade do sujeito que narra, mas também “as malhas das compreensões que ele retira de quaisquer fontes por ele julgadas potenciais contribuições para a compreensão de uma dada situação ou modo de narrar” (GARNICA, 2010a, p.11; BOLÍVAR, 2002; CURY, 2011). Entendemos a natureza distinta desses modelos analíticos e suas intenções particulares, contudo, não os compreendemos como sendo divergentes, por isso apostamos na possibilidade de uma análise que os uma, para possibilitar compreensões outras dos acontecimentos que estudamos, sendo, portanto, esse modelo de análise que perseguimos em nossa pesquisa de doutorado. Para esse texto, realizamos esse exercício de análise a partir da narrativa do Professor Raimundo Melo e de alguns documentos conseguidos nos arquivos particulares do professor e de instituições públicas do estado – como escolas, Arquivo Público do Estado etc – e outros trabalhos acadêmicos que nos ajudam a elaborar as compreensões sobre o tema, porém, sendo guiados pela singular formação do professor Raimundo.

Na década de 1940 e 1950, a convivência entre as pessoas e nos espaços da cidade onde morava, era promovida com os encontros mais à noite, na pracinha, até as dez horas – horário em que se apagavam as luzes da cidade. Quando jovem, ele e seus amigos, gostando de serestas – o que não era permitido – começaram a fazê-las no cemitério, distante e isolado. Essa era a forma de diversão possível, até serem descobertos pela polícia.

Filho de agricultor, seguiu nisso os passos do pai. Trabalhava na infância, assim como todos os seus irmãos, para ajudar a família. A lide do campo não impediu que ele deixasse de estudar. Em Itaú havia uma escola primária; só ela, na verdade. Dos professores, apenas uma tinha formação em educação, possivelmente, à época, o Magistério ou Normal; os outros eram professores leigos. Essa professora era responsável pela turma do quinto ano primário, talvez por ser preparatório para o exame de admissão.

Esse exame, uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginásial – criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, promulgada em 1971 – foi, para o professor Raimundo, algo forte, importante, devido à grande concorrência. Ele foi um dos que garantiu uma das vagas ofertadas já no primeiro ano que fez. É a partir desse fato que julga ter recebido uma boa preparação no primário, principalmente daquela única professora com formação mais específica.

Como em sua cidade não havia ginásio, Raimundo passou para o exame de admissão em Mossoró. Mossoró é a segunda maior economia do Estado. Pólo da região, está localizada a pouco mais de 110 km de Itaú, mas o professor precisou cursar o ginásial lá, por ser o mais próximo que existia à época.

Ele tinha muito interesse nos estudos, embora tenha sido o primeiro dos irmãos, mesmo sendo um dos mais novos, a buscar estudo fora de sua cidade. Via nisso a saída para não precisar continuar para sempre na agricultura, o que seria uma das únicas possibilidades caso continuasse na cidade. Por isso a vontade de continuar, mesmo sendo necessário mudar-se.

Contudo, não foi tão fácil para o professor Raimundo buscar essa formação em Mossoró. Primeiramente, porque teve que enfrentar o pai. Para seu pai, estudar era algo para mulheres e não para homens. Isso ocasionou inúmeras discussões em casa, inclusive com ameaças de Raimundo de que fugiria para estudar, caso fosse preciso. Felizmente, após a intervenção dos irmãos mais velhos, seu pai deu permissão para que ele continuasse com seus planos.

Assim, saiu em 1958 para estudar em Mossoró, indo depois estudar em Natal e, posteriormente, em Fortaleza. Em todas as cidades, morou em Casas do Estudante. As Casas do Estudante são instituições filantrópicas, sem fins lucrativos. A de Mossoró, inaugurada em 11 de agosto de 1957, foi criada para acolher os que não possuíam recursos financeiros suficientes para se manter na cidade enquanto estudavam. Esses estudantes vinham das mais diversas cidades interioranas, inclusive de estados vizinhos, como é o caso da Paraíba e Ceará. A entidade foi fundada a partir da iniciativa dos diretores do, à época, Centro Estudantil Mossoroense – hoje, Centro Estudantil Mossoroense –, talvez por influência da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte (CERN), que já funcionava desde junho de 1946 na cidade de Natal, onde o professor Raimundo também morou. No RN ainda existem a Casa da Estudante do Rio Grande do Norte – fundada em 11 de agosto de 1954 também em Natal, sendo a única direcionada ao atendimento do público estudantil feminino –, e a Casa do Estudante de Caicó – fundada em 20 de novembro de 1960, instalada na cidade de Caicó, região Seridó do Estado.

Além da moradia na CEM e na CERN, passou pela Casa do Estudante do Ceará (CEC) – fundada em 11 de agosto de 1934 –, que funciona na capital do estado, Fortaleza. Nessas casas, muita miséria, muita fome; vida mal dormida, mal alimentada. O professor, em Natal, teve um período de falta de alimentação que ocasionou sua mudança para Fortaleza, onde viveu outra sequência de dificuldades. Lá, por exemplo, às vezes a comida acabava quando os estudantes ainda estavam na fila para recebê-la. Só no início do segundo grau, recebendo novamente ajuda dos irmãos que já tinham condições de ajudar, a situação melhorou um pouco.

Nunca chegou a ter dificuldades com os estudos; seu único problema foi o acesso a materiais. Livros, bibliotecas, apostilas, era tudo limitado, além da falta de recursos para poder adquiri-los. Assim, se restringia aos livros didáticos, muitas vezes emprestados por colegas.

No seu cotidiano, por conta das dificuldades financeiras, as oportunidades eram mínimas. Só tinha, em seu panorama, as Casas do Estudante, os estudos e o colégio. Conseguia algum dinheiro quando retornava para a sua cidade, pois, pelo fato de ter ido estudar fora, em escola pública, quando voltava de férias, dava aulas particulares de matemática pois ficou conhecido por saber dessa disciplina. Foi nessa época que começou a se interessar por ser professor, pois, entre outras coisas, achava muito bonito a postura e o fato de usarem ternos para dar aula.

Como não podia ter outras ocupações, por conta da limitação dos recursos, o que viveu do cotidiano de Mossoró foi a praça central, onde ficava reunido com outros garotos, observando as meninas que vinham do Colégio Sagrado Coração de Maria, escola para garotas, ligada a igreja.

Para o professor Raimundo, a política da cidade era aquela das cartas marcadas; uma política do continuísmo das famílias, dentre as quais se destacava a família Rosado – um dos grupos oligárquicos do Rio Grande do Norte que esteve na prefeitura de Mossoró da década de 1940 até o ano de 2014. Política que manobrava decisões e acordos para manter-se no poder, política que tinha muita força na região. Raimundo acredita os alunos mais displicentes, eram os que se tornavam os políticos da cidade.

Quando chegou a Mossoró existiam quatro escolas: três privadas e uma pública. Ele foi estudar na instituição pública, à época, Escola Normal de Mossoró, criada pelo então governador Antônio José de Melo e Souza, pelo Decreto nº 195 de 1922, a primeira instituição desse tipo a funcionar no interior do Estado. No período de sua criação, o professor nomeado para assumir a cadeira de Aritmética, em 1922, e de Matemática, em 1923, Antônio Soares Júnior, formado em Medicina<sup>61</sup>, chegou a ser importante político na cidade.

Professores formados, ou em formação, em outras áreas – como Engenharia, Economia, Agronomia, Contabilidade, Administração e, até mesmo, Estudos Sociais –, atuando no ensino de matemática, eram uma situação usual, mantida por um longo período, no estado do Rio Grande do Norte<sup>62</sup>. O próprio professor Raimundo, quando estudava, sabia que a formação dos professores não era a específica para o magistério. Muitos até tinham formação superior, mas eram aproveitamentos de outras profissões para o ensino.

Ele também formou-se em outra área, Ciências Econômicas, enquanto era professor em Mossoró. Iniciou o curso – um dos poucos, à época, oferecido numa região em que não havia curso algum de formação específica para professores de matemática – no fim dos

---

<sup>61</sup> Essa inferência é feita a partir do Livro de Registro de Títulos da Escola Normal de Mossoró, encontrado no Acervo da Escola Estadual Jerônimo Rosado.

<sup>62</sup> Essa outra afirmação é feita a partir de: (a) Livro de Registro de Posse dos professores da Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, que registra a posse de dois professores em 1967 e 1969, um como aluno da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e uma professora formada em Economia pela Faculdade de Economia de Mossoró; (b) Documenta (1967, p. 25-28), informações sobre quatro ex professores de matemática em instituições de Mossoró, formados em Agronomia, Economia e Engenharia Civil; e (c) Mapa Demonstrativo do Corpo Docente do Colégio Diocesano Seridoense, em Caicó, na década de 1970, em que registra como habilitação de professores de matemática dessa instituição o “II Nível de Ciências Contábeis”, o “VII Nível de Estudos Sociais” e o “VI Nível de Administração”.



anos 1960. Posteriormente fez mestrado em Administração, passou a ser professor universitário, mas, mesmo na universidade, ensinou matemática – Matemática Financeira. Nunca conseguiu afastar-se da matemática.

Mas, antes mesmo da graduação, o professor Raimundo chegou a fazer outro tipo de curso. Quando já tinha começado a lecionar matemática em Mossoró, em 1967, houve a seleção para um curso que seria oferecido em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco, no Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE).

O CECINE foi o primeiro de seis centros a ser criado pelo MEC, na década de 1960. Fundado em 1965 com o objetivo de melhorar a qualificação de professores do ensino básico, sobretudo os da rede pública, o CECINE era responsável pelos oito estados que, à época, compunham a região Nordeste do país (Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Maranhão, Piauí, Sergipe e Alagoas). Após algum tempo, a responsabilidade por formar professores dos estados da região Norte (Pará, Amazonas, Amapá, Rondônia, Roraima e Acre) também passou ao CECINE.

Por ter sido experimental, criado seis meses antes dos demais, o CECINE conseguiu financiamento de agências importantes, como a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), e a Fundação Ford. Foi um importante formador de professores no Rio Grande do Norte<sup>63</sup>.

Assim, dentre os inúmeros cursos oferecidos por esse órgão, o Professor Raimundo submeteu-se à seleção para participar de um curso de Matemática. Tinha só o segundo grau quando concorreu a essa vaga com outros professores formados, e foi aprovado. Questionaram a escolha já que ele só tinha o segundo grau; recorreram à justiça; o curso chegou a ser suspenso; mas no fim do ano decidiram que ele iria participar.

Dessa forma, entre 1967 e 1968, o professor Raimundo Melo participou<sup>64</sup> do curso oferecido pelo CECINE. Ele recorda que foi selecionado apenas um representante de cada estado. Contudo, outro professor do RN também se recorda de ter participado; de ter sido escolhido para representar o mesmo Estado naquele mesmo período: o professor Evaldo Rodrigues de Carvalho<sup>65</sup>. Os dois professores, entretanto, concordam sobre a disposição de

---

<sup>63</sup> Essa inferência é feita a partir de relatórios de alguns cursos oferecidos pelo CECINE – do qual tivemos acesso no Arquivo de Registro Acadêmico da UFPE –, e de Livros e Fichas de Registros de Professores das escolas: Colégio Diocesano Seridoense e Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Calpúrnia Caldas de Amorim, em que encontramos registros de professores que fizeram o curso de Licenciatura de Curta Duração em Ciências, também oferecido pelo CECINE, na década de 1970.

<sup>64</sup> No arquivo pessoal do professor, tivemos acesso ao Certificado emitido pelo CECINE.

<sup>65</sup> A narrativa do professor Evaldo, bem como a história que aportam esta nossa afirmação, podem ser encontradas em Gutierre (2008).

que apenas um representante de cada área e de cada Estado era escolhido. Todavia, talvez para esse curso, excepcionalmente, tenham ido dois professores pelo Rio Grande do Norte, da área de Matemática.

Os dois professores comentam que o curso tinha como objetivo formar professores multiplicadores que, ao retornar aos seus estados, deveriam formar outros professores a partir do material que haviam estudado. O curso teve a duração de um ano e dois meses; Matemática de primeiro e segundo graus, num momento em que a matemática “modernizava-se”: mil e duzentas horas de matemática com conteúdos da matemática moderna: conjuntos, funções etc.

O professor Raimundo já lecionava quando fez esse curso. Começou a lecionar logo após ter concluído o colegial em Fortaleza, onde estudou em uma das melhores escolas públicas à época. Prestou o vestibular, mas não passou. Nesse momento, viveu uma forte decepção na vida: fez o vestibular em Fortaleza e não foi convocado na primeira chamada. Com isso, foi fazer o vestibular em Campina Grande, na Paraíba, mas não conseguiu concluir o vestibular porque os alunos de Fortaleza, num trote, se envolveram em uma briga com os universitários da Paraíba. Houve algumas mortes e ele próprio saiu ferido. Ao chegar de volta a Fortaleza descobriu que havia sido convocado pela universidade mas perdido a vaga por não se apresentar no prazo. Essa foi uma experiência tão forte que Raimundo voltou para Itaú decidido a não estudar mais. Todavia, depois que retornou, uma comissão de Mossoró, do Centro Educacional Jerônimo Rosado, o convidou para ensinar lá. Assim, em 1965, apenas com o colegial, tornou-se professor de Matemática, Química e Física dessa escola em Mossoró.

Quando retornou para Mossoró, agora para lecionar, a cidade era ainda tranquila e boa para se viver. Os professores da escola se davam muito bem e ele, como professor, buscava sempre ser próximo do aluno, amigo, pois na sua infância e, depois, quando era aluno do ginásio, sentia a distância dos professores. Para Raimundo, o professor era a figura que estava lá perante o “birô”, numa posição de quase rei a quem o aluno mal poderia se dirigir. O professor só era professor em sala de aula, não tinha preocupação com aluno fora de sala. Todas as atividades eram feitas na própria escola, e isso ele tentou mudar. Buscava ter uma relação com os alunos, de amigo pra amigo, de pai para filho, com boa comunicação, bom entrosamento, visando maior aprendizado. Buscou praticar isso durante toda a vida e, segundo ele conta, teve bons resultados.

Quando começou a lecionar, assim como ele, a grande maioria dos professores não tinha formação específica para o magistério; alguns poucos eram graduados em História, Geografia. Por isso, para lecionar, só precisou fazer algum curso e já recebeu, da Secretaria Estadual de Educação, licença para a docência. O curso de que o professor participou ocorreu no ano de 1965; ao término, os participantes submetiam-se a uma avaliação e, caso passassem, teriam autorização para lecionar. Tratava-se de um curso patrocinado pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES).

A CADES foi criada no governo de Getúlio Vargas, que pregava a modernização e industrialização do país que, por sua vez, ancorava-se na necessidade de elevar o padrão do Ensino Médio – à época, ginasial e colegial. Para alcançar esse objetivo, era necessário treinar os professores sem formação, o que ocasionou a criação de inúmeras campanhas com essa finalidade. A CADES foi uma das que mais se destacou, chegando a ter uma grande relevância e independência, financeira e administrativa.

Entre os inúmeros atributos da CADES, estava o propósito de dirimir essa defasagem na formação do professor. Passou-se então a oferecer cursos com o intuito de formar, nas áreas específicas, quem não tivesse nenhum tipo de formação para lecionar. Em 1955, pela Lei nº 2.430, de 19 de fevereiro, ficaram condicionados aos cursos da CADES, tornando-a ainda mais visível e importante no cenário nacional, os Exames de Suficiência que haviam sido criados em 1946.

Dessa maneira, a CADES passou a promover, a partir de 1956, nas Inspetorias Seccionais de Ensino Secundário, ligadas às Secretarias Estaduais de Educação, cursos preparatórios para o Exame de suficiência que concediam aos aprovados o registro de professores do ensino secundário e o direito de exercerem a profissão na disciplina em que tivessem sido aprovados, nas regiões onde não houvesse licenciados disponíveis para o cargo pleiteado.

Esses cursos aconteciam normalmente nos meses de janeiro ou julho, tendo a duração, em média, de um mês, e eram divididos em duas etapas, cada uma ocorrendo em um ano. Os estudos eram especialmente voltados a dois temas: “Didática Geral” e “Didática Específica”. Contudo, embora comumente os cursos da CADES fossem de um mês, temos, nesse caso, uma possível adaptação ou subversão das regras usuais nos cursos do Rio Grande do Norte, pois o curso de que o professor Raimundo participou ocorreu em um período bem mais curto, de apenas uma semana, em Natal. Assim, apenas com o

colegial e com o registro da CADES, o professor Raimundo lecionou Matemática entre os anos de 1965 e 1967, indo depois para o Recife.

Depois de seu retorno de Recife, do curso de Matemática que fez no CECINE, o professor Raimundo tornou-se diretor do Anexo II do Centro Educacional Jerônimo Rosado – A Escola Normal – e continuou a lecionar Matemática. Além disso, começou a lecionar na Escola Técnica de Comércio União Caixeiral. Pouco tempo depois ingressou no curso de Ciências Econômicas, e já em 1970 foi convidado para ensinar na Faculdade de Economia, enquanto ainda era só aluno. Entrou substituindo um professor titular, o próprio vice-reitor, mas deixou de lecionar devido a atrasos no pagamento; quando se afastou, o reitor o convocou para dizer que seria enquadrado como professor auxiliar de ensino da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN) – atualmente, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – e o contratou com todos os direitos de professor, quando ele tinha apenas o segundo grau e ainda cursava universidade.

Nesse período, a necessidade por professores chegava a ser tanta, e a remuneração tão baixa, que o Raimundo chegou a somar cinquenta e seis horas de aula por semana, por conta do acúmulo de atividades, juntando a direção da escola, as aulas na Escola Normal, União Caixeiral, um cursinho que tinha e a Universidade. Em meio a tudo isso, ainda estudava para seus cursos na faculdade.

Quando foi diretor, no fim da década de 1960, a escola ainda funcionava separando os gêneros: pela manhã, feminino; pela tarde, masculino; e a noite para os maiores de idade. Não se podia misturar os sexos. A família tinha um papel fundamental na escola, sendo muito mais participativa, ajudando, inclusive, em reformas, na organização de eventos, arrecadação de fundos, entre outras coisas.

Outra experiência interessante que Raimundo viveu como diretor ocorreu após a criação da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), o que se deu em 1967. Segundo ele, muitos alunos do curso de Agronomia o procuravam para ensinar “qualquer coisa” na escola, buscando, na verdade, um meio de conseguirem algum recurso para sobreviver e continuar os estudos. Não existia, à época, nem estrutura suficiente, nem, segundo Raimundo, política educacional voltada para a melhoria do ensino.

A estrutura administrativa da Secretaria de Educação tinha problemas que impediam a boa condução da educação do estado. Para ele, prova disso é que ensinou três anos no nome de outra pessoa e a Secretaria de Educação nunca soube. Foi um período em que o

professor teve muito poder: chegava, dava aula, nem o diretor tinha o direito de entrar em sala; embora o poder dele fosse limitado ao que tinha a oferecer.

Enquanto estava à frente da direção da escola, diz não ter tido dificuldades com alunos; contudo, teve muitas com professores. Faltavam, não tinham responsabilidade, não preparavam aula, conquistavam alunas e tinham problemas com vícios. Um desses professores, que tinha problemas com drogas foi quem, por ameaçar sua vida, contribuiu para que o professor Raimundo fosse para o Mato Grosso.

Quando terminou a graduação na URRN, foi para o Mato Grosso prestar assessoria num projeto de integração indígena na Fundação Universidade de Mato Grosso, onde passou dois anos (1972-1973), voltando no final de 1973 para também desenvolver uma função de assessor na UFRN. Estando em seu estado de origem, prestou concurso e efetivou-se como professor da UFRN. Após isso ainda fez alguns cursos.

Para o professor, houve poucas mudanças na educação. Ocorreram algumas nos currículos, quem, no geral, permanecia como estava. Houve mudanças no ensino de matemática com a introdução de teoria dos conjuntos, mas essas foram muito poucas. As mudanças eram tão mínimas, que quando estava no científico, preparando-se para prestar vestibular, estudou pelo livro *Análise Algébrica*, de Alberto Nunes Serrão, que, já há uns dez ou quinze anos era utilizado para os alunos se prepararem para o vestibular. Ou seja, os livros sempre eram usados por muitos anos.

As principais mudanças que considera terem ocorrido na educação foram em relação à formação dos professores, a programas que melhoraram a formação docente. Entretanto, ainda são inúmeros os problemas relacionados a isso que, por conta da falta de gestão e controle dos órgãos responsáveis, acabam tendo formações com baixa qualidade, ou sem planejamento.

Esses problemas de gestão e controle já aconteceram várias vezes com a política brasileira da educação. Depois de aposentar-se, o professor Raimundo passou a trabalhar com acessória para municípios e Secretaria Estadual de Educação; numa dessas atividades, ao realizar um cadastramento no município de Apodi – interior do RN –, com os professores, identificou nove professores analfabetos, e entre eles tinham alguns que tinham feito o Logos II.

O Logos foi um projeto desenvolvido em dezenove estados brasileiros, sendo que o MEC ficou com a responsabilidade de financiar seu planejamento; e os estados e municípios com a responsabilidade de custear seu funcionamento. Esse curso de formação

foi promovido com o modelo de ensino a distância. O objetivo era dar uma formação para o magistério, em nível de segundo grau – hoje nível médio –, para os professores que atuavam sem esse nível de ensino ou qualquer outro tipo de formação para o magistério. O Logos utilizava como base o material impresso, apostilas; era desenvolvido em duas partes, sendo a primeira de formação geral e a segunda de formação especial; contando ainda com micro-aulas e provas presenciais nos Núcleos Regionais mantidos pelos Estados. Foi executado em duas etapas, conhecidas como Logos I e II: o Logos I foi uma etapa experimental, com o objetivo de verificar a eficácia da realização do curso, bem como dos materiais e métodos utilizados. Já o Logos II foi a etapa de expansão do projeto, momento em que foi desenvolvido em nível nacional, executado em dezessete estados pelo Centro de Ensino Técnico de Brasília (CETEB), a quem o MEC havia dado a responsabilidade, em um primeiro momento, de produzir o material a ser utilizado e, num segundo momento, de realizar o curso.

O Rio Grande do Norte foi um dos estados a participar do projeto Logos II, e a região de Mossoró também estava entre as regiões a serem atendidas. Contudo, para o professor Raimundo, a formação dada não foi de qualidade, tendo ele ficado com a impressão de que o curso ocorreu apenas para dar uma resposta a quem tinha surgido com a ideia da criação de uma formação de professor leigo para atuar em escolas de segundo grau.

Por conta de suas atividades de assessoria percebeu que ainda há grande carência de professores com formação específica em Matemática, e nas regiões mais humildes do interior, há professores de outras áreas atuando no ensino dessa disciplina; que hoje o ensino da matemática é diferente, porque antes se tinha a matemática como instrumento puro, sem aplicabilidade, e hoje se vê, já no início, sua utilidade.

Para o professor Raimundo, ensinar foi prazeroso e tranquilo, até porque os alunos, segundo ele, eram mais interessados. Talvez isso pudesse ter relação com o fato de que eles entravam mais velhos na escola e já estivessem mais maduros. Ele tem Mossoró quase como um pedaço de si mesmo, por ter sido o lugar em que fez o ginásio e exerceu o magistério durante um bom tempo.

## **UMA ÚLTIMA HISTÓRIA, OUTROS ENCONTROS POSSÍVEIS: a complexa formação de um professor de Matemática**

Após o (re)encontro com a narrativa resultante daquela entrevista inicial, foi possível ao pesquisador, agora com outras intenções, perceber o quanto a formação do professor Raimundo escapou das formações institucionalizadas, a que inicialmente se prendeu.

Essas formações institucionais aconteceram. Embora tenha iniciado sua jornada na docência apenas com o colegial, Raimundo participou de um curso da CADES e, depois, do CECINE. Posteriormente, fez sua graduação em Economia. Na atuação, ensinou, entre outras coisas, matemática. Foi diretor de escola quando ainda não tinha formação superior. Nos fala do Logos e nos leva a perceber bastante a presença da legislação em suas vivências.

Mas a formação do professor Raimundo foi mais do que uma formação intencional e institucional. Em sua narrativa, percebe-se uma formação em que algumas de suas práticas docentes foram influenciadas por experiências vividas quando aluno. Formação que ocorreu em meio a muitas dificuldades, principalmente financeiras; que o levou a valorizar os estudos, vendo nisso uma possibilidade de ultrapassar certas limitações. Contudo, embora as restrições, isso não o impediu de se formar com tantos outros e também em múltiplos espaços<sup>66</sup>.

É uma formação que implicou constante migração, ora para formar-se, ora para atuar; ora para fugir, ora para retornar. Formação em muitas instâncias, em muitas situações, em muitas instituições. Formação com a fome, com o trabalho da agricultura, com os livros emprestados, com a falta de estrutura adequada, viagens, enfrentamentos e decepções. Impedimentos, impulsos. Formação possível. Formação que, aparentemente, marcou Raimundo. Movimentos sempre em fluxo, sempre distintos; formação que

---

<sup>66</sup> Antes de qualquer relação acontecer, o homem precisa, para isso, de um meio, um território, um espaço. O homem sempre viverá nessa relação de “cumplicidade” com o mundo, com a Terra (DARDEL, 2011). Corroborando Dardel, esses espaços que ocupamos não são neutros, “É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça” (2011, p. 08). Vivemos em constante transformação com o meio: somos moldados por esses diferentes climas, relevos e vegetações, assim como os moldamos segundo nossas necessidades e desejos. Entendemos, assim, o espaço como resultado de inter-relações, possibilitando e existindo por conta da multiplicidade, em constante processo de formação. Ratificando essa perspectiva, compreendemos o espaço “não mais como um processo de fixação, mas um elemento em uma produção contínua, parte de toda ela, e ela própria, constantemente, em devir” (MASSEY, 2008, p. 54). O que estamos entendemos como formação de professores de forma múltipla, complexa, com espaços e sujeitos, pode ser melhor compreendido em Morais (2015).

acontece diariamente e a todo o momento; com experiências vividas e sentidas pessoalmente, a partir de atravessamentos e histórias coletivas.

## **REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ALBUQUERQUE JR. D. M. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 4 ed. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2011.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru/SP: EDUSC, 2009.

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção**. 2003. 241 f. Tese (Doutorado) – UNESP, Rio Claro, 2003.

FINATO, J. A. R.; BARALDI, I. M.; MORAIS, M. B. CADES: um ensaio sobre uma formação de professores de Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 5, p. 88-100, 2012.

BOLIVAR, António. ‘De nobis ipsis silemus?’: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa em educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v.4, 2002. Acesso em 23/julho/2015 em <http://redie.ens.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>.

BRUNER, J. The Narrative Construction of Reality. **Critical Inquiry**. v. 18, nº 1, p. 1-21, 1991.

CASCUDO, L. da C. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. 3ª Ed. FVR/CM, 1995.

COSTA, A. N da. **Mossoró: nossa terra**. Natal: SESC-RN, 2008.

CURY, F. G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. Rio Claro, 2011. 289f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 74, dez./1967.

FELIPE, J. L. A. **A (re)invenção do lugar: os Rosados e o “país de Mossoró”**. João Pessoa, Paraíba: Grafiset, 2001.

FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de Matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível**. Rio Claro, 2011. 388f. Tese (Doutorado em Educação



Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

GAERTNER, R.; BARALDI, I. M. Um Ensaio Sobre História Oral e Educação Matemática: pontuando princípios e procedimentos. **Bolema** (Rio Claro), nº 30, p. 47-61, 2008

GARNICA, A. V. M. Analisando imagens: um ensaio sobre a criação de fontes narrativas para compreender os grupos escolares. **Bolema** (Rio Claro). Vol. 23, N. 35A, 2010.

GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 32, p. 20-35, 2010a.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regime de historicidade e história oral. **Bolema** (Rio Claro), v. 25, nº 41, p. 213-250, 2011.

GUTIERRE, L. S.. **O ensino da Matemática no Rio Grande do Norte (1950-1980):** trajetória de uma modernização. 2008. 150 f. Tese (Doutorado) - UFRN, Natal, 2008.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. (Tradução: Beatriz Sidou)

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. Rio Claro, 2012. 379f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2012.

MASSEY, D. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAURÍCIO, L. A. **Centro de Ciências: origens e desenvolvimento – uma relação sobre seu papel e possibilidades dentro do contexto educacional**. Dissertação de mestrado em Educação no Instituto de Física/Faculdade de Educação USP, São Paulo. 1992.

MORAIS, M. B. **Peças de uma história: formação de professores de matemática na região de Mossoró/RN**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2012.

MORAIS, M. B. Sobre sujeitos e paisagens, movimentos e mutações: a migração e a formações de professores de matemática. In: **II Simpósio Interdisciplinar de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas**, 2014, Mossoró. Anais do II Simpósio Interdisciplinar de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas. Mossoró: UERN, 2015. p. 314-328.

NASCIMENTO, P. D.; LEITE, T. S.; GALVÃO, K. M.; MACIEL, F. M. F. F. Casa da Estudante: psicologia corporal em uma residência para estudantes do ensino médio. In:

**Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais**, 2004, Foz do Iguaçu. Anais... Centro Reichiano, 2004.

NONATO, R. **A escola do outro tempo (professores de Mossoró)**. 1968.

ROLKOUSKI, E. **Vida de professores de Matemática: (im)possibilidades de leitura**. Rio Claro, 2006. 288f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

VIANNA, C. R. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TOILLIER, J. S. **A formação do professor (de matemática) em terras paranaenses inundadas**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

WHITE, H. “O texto histórico como artefato literário”. In: **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994. 310p.